



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS  
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL  
PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL



# Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos GTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

9 de Julho de 2005 • Ano LXII • N.º 1600  
Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

## Moçambique

# Ruminar a nossa vida de Padres da Rua

TENHO andado a ruminar a nossa vida de Padres da Rua. Não tenho, nunca tive a mínima dúvida de que Deus me chamou. Só duvidei, sim, que o meu Bispo, então o Senhor Cardenal D. Manuel Cerejeira não permitisse. Por isso me entreguei nas mãos de Deus e à Sua Vontade.

O que me abriu ao chamamento não foi, apenas, ler e conhecer directamente o Pai Américo. Foi acima de tudo a sua visão teológica do ser desumanizado, verdadeiro rosto de Cristo, no Pobre

abandonado e na Criança órfã do amor de seus pais.

Enquanto estudante, percebi que esta seria uma vida despojada e dura, embora não tanto como é, mas isso nunca causou medo. Que o trabalho está tão só no querer salvar o que está perdido, embora alguns rapazes nunca aceitem essa verdade, para inverter o caminho. A liberdade do ser humano tanto o eleva como o derruba e arrasta-nos ao fracasso. Aparente fracasso como o da Cruz, porque até nela Cristo morreu de pé.

## Tribuna de Coimbra

# A radicalidade do seguimento de Cristo

PARTICIÁMOS na ordenação de diácono e de presbítero de dois filhos desta Igreja de Coimbra. «Filhos queridos — permiti que vos trate assim...» Foi neste tom de paternidade e carregado de emoção que o Bispo iniciou a sua homília particularmente interpelante tendo como mote o Evangelho do Domingo que estávamos a celebrar. Participar numa ordenação, num tempo em que tão escassas são estas celebrações, é uma graça e, diria mesmo, uma obrigação apostólica.

O Evangelho deste Domingo apontava a radicalidade do seguimento de Cristo de forma claramente perceptível: «Quem ama o pai ou a mãe mais do que a mim não é digno de mim... quem tiver achado a própria vida há-de perdê-la e quem tiver perdido a vida por minha causa há-de encontrá-la».

Compreende-se bem a emoção do Bispo no abraço da paz aos novos ministros: o olhar poisado em tantas situações de debilidade espiritual do nosso tempo e o seu coração de Pastor, ansioso em prestar cura a cada uma e a todas — que inúmeros são os apelos, sentia neste momento conforto na resposta pronta e decidida de ambos. A palavra do Evangelho encorajava à denúncia do funcionalismo religioso, perigo sempre a espreitar aqueles que na frescura dos anos se consagram. A centralidade de Cristo, na vida dos que são ungidos pelo Espírito, foi ali profundamente vincada e de forma interpelante, fazendo-nos recordar o belíssimo texto da Liturgia das Horas proposto para este dia: Um excerto de uma homília de Paulo VI, nas Filipinas, em 1970: «Ai de mim se não evangelizar! Pregar Cristo, Filho de Deus Vivo, Mestre da Humanidade e o seu Redentor, que nasceu, morreu e ressuscitou por nós. Centro da história e do mundo. Aquele que nos conhece e nos ama, o companheiro e amigo da nossa vida, o homem da dor e da esperança, a luz e a verdade, a fonte da água viva para a nossa fome e a nossa sede, o Pastor, o nosso guia, o nosso modelo, o nosso conforto, o nosso irmão como nós e mais do que nós. Ele foi pequeno, pobre, humilde, trabalhador, oprimido e paciente». Um grande programa de acção e uma bela proposta de identidade bem capazes de exorcizar o perigo do funcionalismo religioso que o Bispo tanto referiu.

Padre João

Nunca tive receio de deixar a família de sangue. Por a deixar, ganhei o conhecimento verdadeiro e o sabor dela. Por deixá-la nunca me puseram de lado. Pelo contrário, cresceu um amor mútuo que se concretiza mil vezes em apoio à vida que abracei. E os rapazes, ao longo destes cinquenta anos, sempre foram parte das famílias que meus irmãos constituíram, assim como os meus irmãos Padres da Obra da Rua. Meus Pais morreram há muito, longe de mim, e tenho a certeza que estava sempre presente na sua vida.

Ao longo destes anos pelas Casas do Gaiato, os meus rapazes têm sido a outra família que constituí, a quem intencionalmente dei a vida, consciente de que a minha missão se insere na perenidade de Cristo no mundo. «Eu vim para que todos tenham Vida». Não tenho atributos meritórios, na visão subjectiva da minha pessoa e caminho no mundo ao lado de notáveis a muitos títulos, mestres em muitas áreas do saber humano, a quem pude e posso admirar e não me regatearam a sua afeição. Mas ao mesmo tempo perdido no meio dos meus irmãos mais pobres, destituídos de tudo aquilo a que o saber humano dá valor, descobrindo-me como um pateta, por não ter nem aspirar a dons que me fizessem mais do que sou: um nada. Também Cristo se aniquilou a si mesmo, deixando que o julgassem cada um pelo seu prisma.

Continua na página 3

## Setúbal

# Cinquenta anos

NO tempo em que vivemos, sempre cheio de coisas novas que vão surgindo em cada dia que nasce, instalou-se a mentalidade da novidade.

Ao contrário, há algumas décadas atrás, valorizava-se o perene, tudo aquilo que se mantinha firme e fiel a princípios originais, ao longo de muitos anos.

Se a novidade é sinal da acção criativa do homem, a tradição é a estrutura com que se vai construindo a história.

Tal como uma construção não tem valor se não tiver beleza e criatividade, também o não terá se não tiver uma estrutura sólida que lhe permita tornar-se uma obra acabada para os fins a que se destina.

Comemorar cinquenta anos de uma Casa do Gaiato, que experimenta estas mudanças de mentalidade da sociedade em que vive imersa, é sinal de saber conjugar a fidelidade a princípios originais e abertura à capacidade criativa e evolutiva da humanidade, sem absolutizar esta nem se afastar daquela.

O único absoluto é Deus, que nos é dado alcançar na fidelidade ao homem, feito bem perene pelo querer de Deus.

Pai Américo diz-nos que é na máxima objectividade que se pode fazer bem ao Rapaz. É partindo do próprio Rapaz, acompanhado das suas necessidades e anseios, que se contribui para a sua educação, sem esquecer a sua própria história de vida.

Ainda que os educadores se esqueçam, o Rapaz nunca se esquecerá. Lançá-lo em contexto totalmente fora da sua linha histórica, é lançá-lo ao fracasso da vida.

Quando comemoramos os cinquenta anos desta Casa do Gaiato de Setúbal, vemos como é importante o que se construiu ao longo deste tempo, o espírito que norteou a vida de todos os que por aqui passaram e, com a abertura que é própria do Espírito, ajudar a construir as vidas que aqui se desenrolam, novas mas sempre humanas, e que se querem filhos de Deus.

É também tempo de dar graças a Deus pelo bem que pela Sua graça foi semeado, e de pedir que o Seu pensamento se concretize no nosso trabalho de todos os dias.

Padre Júlio

## Momentos

# Educação

UM susto inédito e repentino varreu a praia de Carcavelos, enchendo-nos de dor e desassossego.

Um grupo numeroso de adolescentes e jovens marcharam para a pilhagem, contra os banhistas descontraídos, a apanhar sol e a descansar, naquela tarde de calor.

Quem eram? E..., donde provinham?

Os bairros chamados sociais (mais exacto seria designá-los anti-sociais) foram indicados pela comunicação social, como o lugar das suas origens. Não sei se corresponde à verdade esta especificação, pois é corrente, no meio cultural em que vivemos, os pobres pagarem sempre as favas.

Seja como for, eram adolescentes e jovens.

Rapazes a quem foi deformada a consciência natural com capacidade para discernir sempre que roubar e maltratar não é bem.

Despidos de hábitos de trabalho, exercitados em pisar o sentido de justiça imanente em cada pessoa, corroidos por inumeráveis vícios, de que a grande comunicação social anda enxameada, criados ao deus dará por uma permissividade arrepiante que só lhes

anuncia direitos, endeusando a liberdade (libertinagem?) como ídolo diante do qual todos os valores se apagam.

Aquele rapazinho da rua, que andou a saltar de ninho em ninho afectivo, desde os centros de acolhimento até às famílias da mesma função, como se fosse um objecto sem quaisquer obrigações. Aqueles outros, que foram empurrados com suas famílias para os referidos bairros anti-sociais, esquecidos de todo o trabalho social, sem visitas domiciliárias de gente responsável, sem estímulos e sem acompanhamento como se fossem pessoas equilibradas; e todos aqueles a quem o pai, a mãe, os avós, os tios fizeram tudo para que o menino não se maçasse e satisfizessem-lhe os mais amplos caprichos, são agora os adolescentes e jovens insaciáveis incapazes de se refrearem por qualquer motivo, ávidos de dinheiro a qualquer preço, autêntica barbárie da baixa idade média na Europa.

Esta dor tem de ser bem sofrida para ser curada.

Ninguém conseguirá tratar estes estados interiores do homem sem uma doação completa.

Jamais a criança, o adolescente, o jovem, terrivelmente seduzidos pelo dinheiro e sem escrúpulos de consciência, poderá recuperar-se; a não ser com hábitos de trabalho, de estudo e disciplina, com verdade com justiça e, acima de tudo, com Temor de Deus!

Nesta época pós-moderna, de tamanho avanço tecnológico e científico, em que as ciências humanas tanto se alargaram e aprofundaram nos ramos da

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**UM DESAFIO ÀS CONFERÊNCIAS** — Do órgão do Conselho Central do Porto da S. S. V. P., relativo a Junho, sacámos a seguinte nota:

«Do ponto de vista social, Portugal debate-se com um problema cuja gravidade tende a crescer: o problema do desemprego. Durante alguns anos, e não obstante a debilidade da nossa economia, a taxa de desemprego no nosso País foi relativamente baixa, se comparada com a percentagem de desemprego em países bem mais ricos do que o nosso. Basta ter em conta a vizinha Espanha. Só que nesses países, as subvenções sociais aos desempregados, quer pelo seu valor, quer pela rapidez da sua atribuição, faziam diluir, de algum modo, o drama do desemprego. O mesmo não se pode dizer de Portugal, onde esses subsídios são modestos e a sua atribuição é sempre demorada.

A deslocação de grandes empresas para países de mão de obra mais barata do que a portuguesa é uma entre as muitas causas do desemprego em Portugal. E, quando isso acontece, e vai continuar a acontecer, são centenas de famílias a serem afectadas de imediato ao mesmo tempo, fazendo crescer galopantemente o número dos chamados 'novos pobres'.

Para milhares de pessoas, esta situação inesperada significa uma reviravolta dramática na sua vida, o advento de um tempo de verdadeira angústia: como responder às necessidades básicas da família, como cumprir as obrigações monetárias assumidas?! Nas actuais circunstâncias, é praticamente impossível a muita gente construir um 'pé de meia' para emergências deste género, e o subsídio de desemprego é, geralmente, demasiado pequeno e a sua primeira entrega excessivamente demorada. É sobretudo a este período inicial da nova situação que as Conferências Vicentinas devem estar particularmente atentas.

Mas é preciso ter em conta que qualquer intervenção nesta área se reveste de uma delicadeza muito particular. Ao contrário dos muitos pobres tradicionais que socorremos, muitos destes novos pobres criados pelo desemprego não são de fácil acesso. Escondem-se atrás de uma 'vergonha' que é preciso compreender e respeitar. É preciso fazer, junto deles, uma aproximação e uma abordagem que resulta do impulso da caridade, mas deve ser feita com delicadeza e inteligência. Apesar de todas as dificuldades por que passam, para muitos é difícil aceitar um gesto que parece uma esmola.

Neste tempo, é preciso estar atento às consequências de um fenómeno que pode atingir, ao mesmo tempo, centenas de famílias de uma região. E, depois, agir de forma concertada. Finalmente, revestir de particular delicadeza a caridade vicentina.»

A.J.S.»

**PARTILHA** — Assinante 6762, do Porto, com «trinta euros para a assinatura d'O GAIATO, pois não sei se estou em débito e para as necessidades mais urgentes. Estou viúva. Quem

pudder ajudar mais! Rezem por alma do meu marido, militante da Acção Católica, sempre ao lado dos mais Pobres».

Lourdes, de Cacém, «com trinta euros — como de costume — mais uns grãosinhos para os mais Pobres. Continuo sempre pedindo que tenham muita saúde para continuarem a vossa acção». Obrigado.

Vinte e cinco euros da assinante 50913, de S. Roque — Oliveira de Azeméis: «Como tinha prometido, pequenina migalha, mas com ela vai uma grande vontade de ajudar os que mais precisam».

Mais 25 euros, do assinante 48250, de Lisboa.

Um «modesto contributo, de 100 euros, para aplicarem onde entenderem que é mais necessário. Eu chamo-lhe 'Partilha de férias'. Logo que possa tornarei a estar presente». É a presença da assinante 60788, do Porto.

Um cheque de 250 euros, do assinante 71035, de Perafita, «donativo para a vossa Conferência».

Temos, agora, um cheque de 85 euros, do assinante 9790, de Perosinho, que aparece muitas vezes, «Peçamos a Deus e Nossa Senhora, por todos os nossos irmãos do Mundo inteiro com carências de toda a ordem, causa de mortes sem conta, fome, muita fome e muitas doenças. Que o Céu perdoe a nossa quota-parte de culpa e nos ajude a vermos de maneira mais prática, no nosso irmão, o Rosto do Senhor».

Mais cem euros, da assinante 24801, de Freamunde, que lembra Pai Américo, e refere a sua canonização.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Paço de Sousa

**ACTUAÇÃO NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA** — Ao longo do terceiro período tivemos algumas actividades e saídas que nos agradaram. Uma delas foi quando a Bandinha do Gaiato foi actuar à Assembleia da República. Éramos dezoito rapazes, acompanhados pelo nosso Padre Manuel Mendes.

Depois da nossa actuação, fomos conhecer as instalações da Assembleia da República.

Foi um dia agradável em que nós, os gaiatos, demos a conhecer mais um dos nossos dotes — a música.

Manuel, Octávio e André Cunha — 4.º ano

**ESCOLA** — Mais um ano passou e com ele muitas recordações ficaram.

Entre as muitas coisas que fizemos, ficam-nos na memória algumas visitas: Fomos à Casa da Música assistir a um recital de piano e, como a cultura não é só música, também fomos ao

Teatro Sá da Bandeira assistir à peça «A menina do mar».

Finalmente, para ficarmos a conhecer melhor as novas tecnologias, os nossos professores levaram-nos a andar no Metro do Porto. Foi um dia fantástico, fomos à Praia de Matosinhos e almoçámos na Via Catarina.

Afinal a Escola não é só dentro das quatro paredes.

Os Rapazes da Escola do 1.º Ciclo

**DESPORTO** — Acabou a época desportiva. Agora, até Setembro, é tempo de descanso. É necessário olhar para trás, ver o que esteve mal; e preparar o melhor possível, tanto fisicamente como mental e psicologicamente a época 2005/06. Tempo de férias! Tempo de reflexão...! Alguns bem precisam de o fazer, e reconciliar-se, sobretudo, com eles próprios, para não cometerem os mesmos erros da época que agora finda. Fizemos 49 jogos. Tivemos 27 vitórias, 7 empates e 15 derrotas. Marcámos 163 golos e sofremos 75. Os cinco melhores marcadores: 1.º «Bolinhas», 34 golos; 2.º Abílio, 21; 3.º Gil, 11; 4.º Rolando, 10 e 5.º Rogério com 8. Podíamos ter marcado mais, como podíamos ter sofrido, se não fosse a coragem, a garra, a determinação, o respeito pelos outros e o amor à camisola de alguns, que ao esquecerem-se do limite das suas forças, e até da paciência, lutaram, algumas vezes, quase até à exaustão. Parece um pouco exagerado, mas não é! Talvez seja, mas só para aqueles que gostam de andar no bem-bom... quando lhes convém! Os que trabalham, e se entregam com dedicação e carinho ao Grupo Desportivo durante toda a época, falam pouco! Sim. Porque aqueles que mais falam... são os que mais erram. Sejam humildes, coerentes e compreensivos uns com os outros; e façamos um balneário invejável para 2005/06.

Tivemos também o Campeonato Inter-Casas, que, graças a Deus, foi um êxito. Foi o melhor da época! Por muitas e variadas razões. Dizia o nosso Padre João, num dos seus últimos artigos: «Foram momentos muito enriquecedores para todos em cada Casa». Mais adiante, acrescentava: «O motivo do campeonato foi alcançado: estamos uns com os outros e sentimo-nos família sob o olhar atento do Padre Américo que sempre desejou para os seus rapazes um mundo melhor que aquele que a sociedade lhes ofereceu no início das suas vidas atribuladas.» Espero que a Casa incumbida de organizar o próximo, não adormeça e, no devido tempo, olhe para os «erros» deste e faça melhor! Não basta dizer: — Está mal.

Mas esta época acabou e de que maneira. Jogámos em casa, no dia 18 de Junho, com o F. C. Peroselo, da Primeira Divisão do Campeonato Amador de Penafiel, com quem perdemos por 2-3. Marcámos primeiro. Empatámos com uma infelicidade do nosso central, que marcou na própria baliza, mesmo a terminar a primeira parte. Na segunda metade, faltou tudo: calma, bom-senso, discernimento e, sobretudo, maturidade. Inacreditável! Graças ao nosso guarda-redes «Mancha», não apanhámos uma abada para recordação e regozijo doutros. Mas a vida é assim. No melhor pano cai a nódoa! No dia 25, saímos de manhã, por volta das 8h30. Tomámos a direcção de Vila Real, onde parámos para



Miranda do Corvo — Baptismo da Tânia Beatriz, filha do Vítor e da Anabela.

tomar o pequeno-almoço e seguimos rumo a Chaves, para fazer o fecho da época. Chegámos lá eram 11h00. Montámos a nossa cozinha ambulante. Enquanto a cozinheira com os seus ajudantes tratou do almoço, o restante pessoal foi dar um passeio pela cidade. Às 13h00 almoçámos. Depois do respectivo descanso, fomos até ao Estádio Municipal, onde se realizou o jogo com os atletas do Desportivo de Chaves às 17h00. Em pleno relvado, todos tiveram, mais uma vez, a oportunidade de mostrar o que valem. Alguns, valem... o que valem e nada mais. Um resultado que no final do encontro não nos foi favorável, nem podia ser...!, apesar do nosso guarda-redes ter defendido uma grande penalidade e do Rogério ter marcado o golo do desafio.

Depois de tudo arrumado, regressámos a Casa, mas, mesmo assim, ainda parámos... para merendar. Chegámos a casa pouco passava das 22h00.

Alberto («Resende»)

## Setúbal

**ESCOLA** — Os da Primária, que estudam cá em Casa, passaram todos de ano. Os que vão para o 5.º ano, três vão para a Luísa Todi e dois para a Bocage e Conservatório de Música.

Os quatro rapazes que estavam no 6.º ano passaram todos. Os do 5.º ano, quase todos.

Ainda falta saber os resultados dos que andam no 5.º e 6.º anos do Ensino Recorrente.

Os que andam no nosso Lar devem passar também todos.

Esperamos que continuem assim para o próximo ano lectivo.

**FESTA DOS ANTIGOS GAIATOS** — Foi no dia 3 de Julho. Às 10h00 a inauguração do busto do Pai Américo, no Monte Belo, em Setúbal. Ao meio-dia, a nossa Celebração Eucarística presidida pelo Senhor Bispo. Depois, o almoço, e o resto do dia passado em convívio entre todos os gaiatos, antigos e actuais.

**PRAIA** — Já estamos na casa da Arrábida. Temos o primeiro grupo,

dos pequenos. Depois, no mês de Agosto, o segundo, dos maiores. Em Setembro fica um, de rapazes, a fazer limpeza à nossa casa. Assim, passamos o Verão tranquilos para termos mais força para o novo ano que vem.

**VACARIA** — Já nasceu uma bezerra. Tínhamos mais duas vacas a parir: uma delas o bezerro morreu, de parto muito difícil; a outra teve que fazer uma cesariana para poder tirar o bezerro, mas, infelizmente, já estava morto. Tínhamos uma vaca a parir, mas houve um acidente com o raspador do esterco que a levou à morte. Foi uma semana muito complicada para os vaqueiros e todos os que tomam conta da vacaria.

Horácio

## Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

A exemplo do ano passado e porque nos pareceu ter sido mais ou menos do agrado geral, resolvemos fazer novamente o nosso Encontro-Convívio em Setembro, em Miranda do Corvo, estando marcado para o dia 4. Será nos moldes habituais, com almoço oferecido, mas contando termos a colaboração de todos e todas para as tarefas necessárias e para a «merenda», mais aquela garrafito ou garrafão sempre apreciados. Esperamos que o tempo ajude e que ainda possa ser utilizada a piscina, mais o campo de futebol para umas corridas atrás da bola.

Lembramos também que iremos procurar eleger nova direcção para a Associação, alertando desde já todos aqueles que queiram e possam dar o seu contributo em prol da mesma, pois nos parece que os elementos que a compõem actualmente, estão mesmo a precisar de passar a «pasta», não pelo desgaste, mas porque achamos que chegou a hora e até para que as caras não sejam sempre as mesmas, porque entendemos que cansa olhar sempre para as mesmas pessoas que também apresentam todos os anos as mesmas ideias e isso não ajuda nem incentiva quem está de fora a apreciar o trabalho que se vai desenvolvendo. Apresenta a tua lista que será submetida a sufrágio, pois é necessário um empurrão.

Como de costume receberás pelo correio a respectiva circular, mas aproveitamos para indicar que o Programa será idêntico ao dos demais anos:

Recepção e contas ..... 9h00  
Reunião ..... 10h30  
Missá dominical ..... 12h00  
Almoço ..... 13h00  
Tarde desportiva e de lazer  
Merenda ..... 18h00

Esperamos que não faltes e tudo corra pelo melhor, no mínimo como de costume e que todos viajem, tanto na vinda como na volta, o melhor possível para que nada haja a lamentar.

Até lá, desejamos boas férias a quem as tiver e enviamos o nosso abraço de camaragem.

Manuel dos Santos Machado

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Junho, 57.750 exemplares

# Notas do Tempo

**R**ECORDA-NOS a Liturgia no dia 22 de Junho, reunidos na mesma memória, o Bispo de Rochester João Fisher e o Chanceler de Inglaterra Tomás Moro que o tempo juntou na vida e o rei Henrique VIII uniu na morte mandando-os decapitar por recusa de subversão da Verdade e do Direito ao seu capricho de tirano. Dois homens que se não vergaram — nem diante do martírio!

A memória litúrgica não é obrigatória. Mas há anos, não sei porquê, li no *ofício das leituras* a carta de S. Tomás Moro escrita no cárcere a sua filha Margarida. É um texto tão soberbo que não passou, julgo, mais nenhum 22 de Junho sem o reler.

Como no nosso tempo, apregoados de liberdades, não faltam tiranias, tantas e tão diversas, e, pior ainda!, a maior parte delas de sujeito indeterminado — sinto-me eu determinado a dá-lo a conhecer, certo de que será inédito para a maioria dos que o lerem e exemplar para todos, seja qual for a óptica em que o fizerem. Pois pode ser o deslumbramento que sempre proporciona um Homem de Fé indefectível na coerência com Ela — este que tendo autenticado tantos documentos reais com o seu sinete de Chanceler, acabou selando com a sua vida o acto sublime da sua Honra e Fidelidade — até ao desvelo de um pai que quer confirmar a filha (e por ela certamente os outros três filhos) nos princípios que são a essência da sua herança e deixar-lhes a paz que o possui como supremo bem.

«Embora eu tenha plena consciência, minha Margarida, de que os pecados da minha vida passada

merecem justamente que Deus me abandone, nunca deixarei de confiar na sua imensa bondade e de esperar com toda a minha alma. Até agora a sua santíssima graça deu-me forças para tudo desprezar do íntimo do coração — riquezas, rendimentos e a própria vida — antes que prestar juramento contra a voz da minha consciência. Foi Deus que, benignamente, levou o rei a privar-me, até ao presente, só da liberdade. Com isto, em vez de me fazer mal, sua Majestade concedeu-me para proveito espiritual da minha alma — assim o espero — um benefício maior do que com todas aquelas honras e bens que antes me dispensava. Espero confiadamente que a mesma graça divina há-de continuar a favorecer-me, ou acalmando o ânimo do rei para que não me imponha tormento mais grave, ou dando-me a força necessária para suportar tudo, seja o que for, com paciência, fortaleza e boa vontade.

O meu sofrimento, unido aos méritos da dolorosíssima paixão do Senhor, (infinitamente acima de tudo quanto eu venha a padecer), aliviará as penas que mereço no Purgatório e, graças à bondade divina, acrescentará também um pouco a minha recompensa no Céu.

Não quero desconfiar, minha Margarida, da bondade de Deus, por mais débil e fraco que eu me sinta. Mais ainda: se, no meio do terror e da consternação, eu me visse em perigo de ceder, lembrar-me-ia então de S. Pedro, que, à primeira rajada de vento começou a afundar-se, por causa da sua pouca fé, procurando fazer o que ele fez: gritar a Cristo: Salvai-me, Senhor. Espero que Ele estenderá

a sua mão para me segurar, e não me deixará afogar.

Mas se Deus permitisse que a minha semelhança com Pedro fosse mais longe, a ponto de eu me precipitar e cair totalmente, jurando e abjurando (que Deus, por sua misericórdia, afaste para bem longe de mim tal calamidade e que dessa queda me venha antes o castigo do que benefício), ainda em tal caso, espero que o Senhor me dirigiria, tal como a Pedro, um olhar cheio de misericórdia, e me levantaria de novo para eu voltar a defender a verdade, para descarregar a consciência e suportar corajosamente o castigo e a vergonha da minha anterior negação.

Finalmente, minha Margarida, estou inteiramente convencido de que, sem culpa minha, Deus não me abandonará. Por isso com toda a esperança e confiança me entregarei totalmente nas mãos de Deus. Se, por causa dos meus pecados, Deus permitisse a minha queda, ao menos brilharia em mim a sua justiça. Espero, porém, e espero com inteira certeza, que a sua clementíssima bondade guardará fielmente a minha alma e fará que em mim brilhe mais a sua misericórdia do que a sua justiça.

Está, pois, tranquila, minha filha, e não te preocupes comigo, seja o que for que me aconteça neste mundo. Nada pode acontecer-me que Deus não queira. E tudo o que Ele quer, por muito mau que nos pareça é, em verdade, muito bom.»

Tomás Moro foi um homem de Estado que, enquanto tal, escreveu várias obras sobre a arte de governar e um livro que será, suponho, o seu trabalho literário mais conhecido: a *Utopia*. Quem dera o lêssemos o que, às vezes com muita pouca arte, se fazem à função de governar.

Padre Carlos

## Momentos

Continuação da página 1

psicanálise, das ciências de educação, da psicologia, da assistência social, da sociologia, etc, fenómenos destes surpreendem-nos e interrogam-nos!... Porquê?

Será que investimos somente em teoria sem nos preocuparmos em averiguar a sua prática?

O suporte científico e técnico é todo ele importado de outras sociedades mais evoluídas, longe da nossa realidade?

Os laboratórios de educação em Portugal onde funcionam?

Como se poderá educar na liberdade sem a contrapartida responsável?

Muitas das nossas escolas são mais centros de diversão atractivos, pelo divertimento, do que ambientes de estudo sério e reflexão.

No princípio do ano todos os alunos são logo elucidados dos seus direitos como se fossem pessoas adultas e em toda a área da escola ninguém se encarrega de meter nas aulas os mais fracos, deixando-os reféns dos seus gostos e apetites, entregues a si mesmos a jogar a bola, nos namoricos, a ver televisão na biblioteca ou na sala de recreio, favorecendo o

insucesso escolar que cresce de ano para ano.

Não há cidade nem vila onde a marginalidade se não exiba na pedincha e na arrumação de carros.

Não falamos já de lotação juvenil das nossas cadeias nem ainda da enxurrada que a droga arrasta na camada jovem.

Às nossas Casas chegam, diariamente, pedidos urgentes para acolhermos menores de 14, 15 e 16

anos, destruídos por experiências sociais ditas evoluídas e totalmente fracassadas.

Ai!... como aprecio cada vez mais as Casas do Gaiato!... Como as vejo a ser remédio eficaz da nossa juventude abandonada, se as deixarem funcionar como elas são.

«Não há rapazes maus, mas é muito difícil torná-los bons, quando começamos tão tarde a conhecê-los. É no berço que se forma a criança, sobretudo a criança desta natureza.» — como escreveu Pai Américo.

Padre Acílio

## Moçambique

Continuação da página 1

Estou a pensar nos Padres meus Irmãos da Obra da Rua. A herança que recebemos de Pai Américo não é pesada demais para os nossos ombros, apesar da fadiga dos anos. É acabrunhante, porém, outra cruz que não abraçámos, mas que nos impõem e aos rapazes com conceitos teóricos, prenhes de valor científico de análise meramente intelectual.

Não somos desse jaez. Somos, sim, uma parcela pobre e mendicante, dentro da Igreja. Se porém

até dentro dela não somos tidos como tais, não renunciaremos ao nosso carisma e iremos até ao desgaste final. E se dentro dela, a quem servimos para que seja perfeita na Caridade, como oramos na Eucaristia diariamente, hoje não há corações enamorados por esta vida que custa, nunca conhecerão a beleza nem a riqueza que há no coração dos Pobres.

Pai Américo dizia que Cristo pisou a terra com o coração. Estamos a perder o sentido sagrado da nossa missão, se nos deixamos levar pela intelectualidade com

## DOCTRINA



Tenho um sonho...

**F**ALA-SE para aí, um ror de governos e de governantes cansados do bem que se desfruta! Eu também falaria, se este decreto ficasse na tinta. Mas não acredito que fique. Ele começa muitíssimo bem: «Não se trata de executar nenhum plano grandioso de Colonização para o qual, todavia, se poderão ir carreado materiais».

**T**EMOS aqui a base. Esta é a ordem. Toda a empresa que começa por pouco, tem em si a garantia do êxito. Nós temos marcado pela ausência aonde os nossos Maiores levantaram padrões e deixaram sangue português, para ser terra de portugueses. Mundo que a vista abarca. Pujança dos três reinos da Natureza. Portos. Baías. Enseadas. Rios. Lagoas. Canais. O que há de melhor. O que há de mais abundante. O que há de mais belo. O que há de mais português — desconhecido da grande massa dos portugueses!

**E**LE é verdade que em nossos dias, com «Exposições Coloniais» e «Semanas das Colónias», tem-se feito um bocadinho de barulho, mas é preciso mais. É preciso abrir as portas. Facilitar acessos. Desimpedir. Preparar os viajantes. Tudo vem na letra do decreto.

**A** população das Casas do Gaiato, sendo, como é, de terras de ninguém, é a mais adequada a povoar a nossa Angola por não ter compromissos de sangue. Muitos destes rapazes são inteligentes e capazes de iniciativa. Basta soprar. Pôr-lhes à vista o nosso Império. Ler-lhes a cartilha colonial. Isto hei-de fazer. Isto queremos fazer, uma vez que ouçamos as palavras de assentimento de quem tenha o poder de a dar.

«**C**ARREAR materiais». Os habitantes da Casa do Gaiato de Paço de Sousa podem fornecer material. Eles, as pedras da fundação. Não vamos pedir nem esperamos dinheiro do Ministro das Colónias. O que nós queremos é contacto, simpatia, garantias morais. Talvez seja por eu amar muito esta fauna que formei no espírito a convicção do que com ela e por ela se pode realizar. Os a quem hoje chamamos um fardo, pela nossa incúria e preguiça, podem vir a ser amanhã alavanca da Nação.

**U**MA vez que estamos seriamente apostados a incutir nestes rapazes o amor ao trabalho, às letras, à água fria, à verdade, à consciência recta, à vida sã, não podemos sequer duvidar de que todos ou cada um destes valores humanos se venham a perder, justamente pelo terreno onde semeamos. Nós não pedimos nada que seja fora ou além das forças de cada um; pedimos um alerta. Temos fundada esperança de que nas nossas Colónias podemos ter grandes grupos de redimidos a afirmar a posse delas com o suor do seu rosto, o que tem infinitamente muito mais valor do que as linhas dos mapas que hoje se marcam. Só quem não viveu na imensidade das nossas terras de além-mar é que não sente a dor da outra imensidade que se experimenta ao lado de cá: «Não cuidar de povoar com gente nossa o que é nosso».

*D. Américo*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

que o mundo de hoje pinta a vida com técnicas de consumo, para a tornar suportável. Entretanto a compatibilização com o agnosticismo que avança, depauperou a firmeza da Fé e as teorias com que pretendem governar-nos constroem um gigante com pés de barro. A degradação, hoje mais que ontem, está incontrolável. A reabilitação dos seres mais desumanizados, legalizada e imposta à maneira de «artes de arrasto», é

ineficaz, porque não há duas pessoas iguais. Só perante Deus todos os homens são iguais em dignidade, de direitos e deveres. É anacrónico acreditar que Deus criou o homem e a mulher à Sua imagem e semelhança. Nós, na Obra da Rua, damos a vida por aquilo em que acreditamos. Por isso é de joelhos, perante Ele, que aceitamos que o mundo nos rejeite.

Padre José Maria

# Malanje

## Um bebé morto

UM remexedor de lixeiras encontrou, num saquinho de plástico, um bebé morto. Foi uma revolta unida! Uma remexida nos jornais da terra! Uma correria nos corredores da Judiciária! Tudo a querer saber da «criminosa»! «Palavra dos jornais»!

Fiquei meditando e pensei nos milhares de saquinhos que, todos os dias abrem as boquinhas para receberem os milhares de bebés mortos para seguirem para as lixeiras «civilizadas e legais»!

Os países, que tais, ufanam-se de tamanha glória! Seus súbditos ajoelham diante das barriguinhas limpas e respeitadas...

Os jornalistas silenciam, a polícia diz que está bem — os representantes na Assembleia deram ordem de matar — «007»!

Que fizeram à «criminosa»? O Juiz ditará a sentença. Lavará as suas mãos e almoçará tranquilo. Tenho dito.

## O jovem que se apresentou a Jesus

O jovem que se apresentou a Jesus, até de uma maneira simpática a ponto de despertar simpatia no Senhor, foi embora triste quando lhe disse que se queria ser mais perfeito, e totalmente feliz, fosse dar tudo aos Pobres e depois viesse para O seguir. Nada! Foi triste porque tinha muitos bens.

Bens são teias que nos prendem os pés... Não há passos. As teias ficarão correntes. Somente palavras e gestos de mãos.

Diz o Evangelho que o Senhor ficou triste vendo o jovem retirar-se e seguir arrastando as correntes — ao longo dos caminhos.

Padre Telmo

## Benguela

# Alfabetização

FIQUEI encantado com a notícia de que um grupo de mulheres, mais velhas e mais jovens, decidiu entrar no movimento da Alfabetização. Estas mulheres têm o seu ganho-pão no mercado paralelo, de grandes dimensões, à saída da cidade do Lobito.

Os mercados, vulgarmente chamados paralelos ou, simplesmente, praças, são uma resposta ao problema angustiante da sobrevivência do povo anónimo. Nasceu do próprio povo. Ninguém cuidava dele. Vagueava pelos bairros e ruas das cidades à busca de migalhas para não morrer de fome. É, sobretudo, gente jovem, à mistura com uma pequena minoria de gente mais madura. Milhares e milhares de pessoas exercem ali a sua actividade, fazendo negócios com tudo o que é negociável. Mais importante é o pão de cada dia e as sobras para manter algum *stock* com novas compras.

Pode não haver a mercadoria precisa nas casas criadas para esse efeito, como são as lojas. Nas praças há sempre de tudo. Como assim? São caminhos que só os «peritos» conhecem. Sei que não há zona de mais movimento diário de pessoas e carros, de toda a espécie, do que os mercados paralelos. É algo parecido com o purgatório deste mundo para quem não gosta e tem que recorrer a esses espaços. Assim experimento.

Foi deste mundo agitado que saíram as primeiras heroínas para as aulas de Alfabetização. Pararam, por cerca de duas horas, a sua actividade dos negócios, em pleno dia, e recolheram-se numa sala, com um quadro preto e um professor valente, devidamente prepa-

rado para o ensino, a fim de aprenderem as primeiras letras. Fiquei encantado com a notícia! Mais dois elementos se juntaram já para formar uma equipa de formadores. Também uma senhora.

Muitas jovens deixam a escola na idade oportuna para entrar nessa actividade, onde encontram o caminho da prostituição. Ao construir a escola do segundo nível, em nossa Casa, pensei muito em abrir a porta à promoção humana das meninas dos bairros que nos cercam, para que não caíssem na tentação de fugir para as praças. À sombra do negócio de coisas, entra a compra e venda dos seus corpos. É nossa preocupação ir à raiz dos males. Encontro-me com elas, todos os dias, em plena adolescência, com o bebé ao colo, sem saberem onde pára o progenitor. O criminoso está em fuga sem que a autoridade o procure.

Queremos, entretanto, ir mais além. Tenho esperança de o novo Centro Infantil, que gostava fosse também a menina dos vossos olhos, tenha o seu espaço, ao lado, onde as meninas possam receber formação, a tempo e horas, para não caírem na miséria. Importa, antes de mais, prevenir os males na raiz da planta, a futura mulher madura, para gerar filhos vivos para a nação e nunca pesos mortos. Esta ideia está no coração das Irmãs Albina e Rosalina que assumiram o Centro. Quem dera fossem mais! Posso chamar a este serviço admirável uma das causas mais nobres pelas quais vale a pena dar a vida. Há tanta gente à espera! Apetece-me lembrar o convite que o Mestre fez, naquele tempo: «Ide também vós para a minha vinha». Não tenho dúvidas

## Pão de Vida

# Do perfume das tílias

A tília é uma árvore de grande porte, cujas flores esbranquiçadas são muito aromáticas.

Na mancha verde que nos envolve, noutra tempo, foram plantados alguns pés desta espécie para que a vida de crescimento dos filhos da rua tivesse outro aroma.

Depois de um dia de trabalho, sentimos com mais acuidade a presença benéfica e reconfortante deste género de plantas.

Quando o Estio se aproxima, nas copas amplas e frondosas, multiplicam-se estes adornos naturais que destronam a praga metálica da moda e exalam um odor agradável.

Por estes dias, sentiu-se alguma agitação social, devido às paralisações.

Há três décadas, num período de grande instabilidade, com efeitos contraproducentes, vivemos intensamente, num Liceu da urbe portugalense, a realidade da desorientação juvenil.

O meio escolar é um dos laboratórios mais efervescentes, em que se têm experimentado frequentes reformas(?) curriculares, que não têm respondido cabalmente às exigências de crescimento dos adolescentes, nomeadamente a sua orientação profissional.

Aos conteúdos, cada vez mais sumidos, não corresponde uma componente prática exigível e os

alunos divertem-se em arraias *intra muros* e nas vizinhanças.

Por outro lado, a autoridade docente resvalou para níveis que nos deixam perplexos.

A *integração* de todos os alunos adolescentes nas escolas oficiais é um projecto que se reveste de contornos discutíveis.

O Rúben é um rapaz conflituoso, que obrigaram a transitar do início da nossa primária para o 2.º ciclo, e cujo comportamento produziu imensos relatórios, sem resultados.

Envolvidos nesta dispersão, os nossos filhos deixaram o *turismo* escolar e regressaram com reduzida bagagem.

Sintomática foi uma informação, mal amanhada, que nos chegou sobre as matrículas: era preciso o bilhete de *entidade*.

De facto, o investimento básico na língua materna é manifestamente insuficiente. O Latim passou para as prateleiras empoeiradas.

Todos querem e devem ser pessoas, para se realizarem e ocuparem o seu lugar na sociedade; senão, podem ficar pesos mortos, dependentes de rendimentos mínimos, ou vítimas das rotas das drogas, que se cruzam neste *jardim*, em que se têm cometido também crimes ambientais.

As férias escolares constituem uma libertação para alguns e uma regeneração para outros.

Como vão ocupar o seu tempo tantos jovens deste País, durante a estação quente?

A vontade de trabalhar pode decrescer na progressão geométrica da subida da temperatura.

Um jovem desocupado é um ser tentado.

Entre nós, o contacto permanente com a natureza criada é um filão inesgotável.

Nos primeiros dias de regresso deles a Casa, não chegámos para as encomendas de tantas alfaias. A dianteira foi conquistada justamente pela enxada. Vergar-se para o chão é curativo. Às vezes, os cabos partem-se ou o ferro bate nas pedras, mas eles são sempre vencedores.

O Vítor é ladino e mostrou-nos as mãos, de rapar ervas daninhas: — *Veja os meus calos!*

O Hélder trepou, com licença, à cata das ameixas: — *Fui eu que as colhi!*

A bica da nossa melhor água, junto ao tanque *das cobras*, ficou livre de infestantes e eles regalaram-se, debruçados, a sugar o líquido mais precioso e fresco, na concha da mão.

Os céus acabam de derramar, lá do alto, algum orvalho para apagar fogueiras mafiosas.

Depois de um dia de desgaste, a serenidade da nossa noite permite sentir bem o perfume dulcificante das tílias, à sombra das quais nos abrigamos.

Nas tempestades dos discípulos, *Jesus dormia*, para os experimentar.

Estejamos nós despertos na condução da irreverência dos mais novos.

Padre Manuel Mendes

## Calvário

# Na hora de partir

ESTOU junto de um doente acamado. O diálogo não é possível, pois ele já não fala, embora oiça o que lhe vamos dizendo. Por três vezes sofreu um acidente vascular cerebral e o seu lado esquerdo encontra-se paralizado. Não come normalmente e por isso foi necessário introduzir-lhe uma sonda gástrica.

Passa os dias gemendo, não sabemos se com dores, se por outra razão. Mas a ausência de álcool a que estava habituado, deixou marcas e angústia. De qualquer modo o rosto deste enfermo transmite sofrimento, expresso nos ais constantes que vai emitindo. De vez em quando, cerra os olhos e acalma sonolento.

O seu lar não oferecia condições para o acolher nesta situação. Por isso, a unidade hospitalar, em que fora visto, transferiu-o para um hospital de rectaguarda. Porém, aqui, só pode estar dez dias, fruto mau do acordo entre as entidades referidas. É tudo tão provisório neste País!

Amigos, condoídos e aflitos com o doente batem-nos à porta e ele aqui está de modo definitivo, enquanto a vida lhe permitir.

O pobre enfermo abre os olhos, emergindo da letargia em que estivera, mas denota grave dificuldade de respiração. Parece sufocado. Aspiramos-lhe as secreções e ele volta à calma anterior. Respira melhor e parece agradecer, abrindo os olhos e desejando sorrir.

Molho-lhe os lábios com água fresca e ele fica mais consolado. É bom que saiba que o estimamos e desejamos o melhor para ele. Pequenos cuidados como estes despertam nele a gratidão e a paz. Quando estas estão em nós, elas perpassam para aqueles que moram ao nosso lado.

Para quem vai partir, como este Pobre, é precioso que leve consigo o amor e a estima dos mais próximos — preparativos necessários para quem vai entrar na paz definitiva. Às vezes, esquecemo-nos de que o mais importante na bagagem para a eternidade é o amor que acolhemos no nosso coração e levamos para junto d'Aquele que sempre nos amou.

Disfarçar ou iludir no momento derradeiro não é a melhor maneira de ajudar quem vai partir para a viagem sem retorno.

Padre Baptista

## PENSAMENTO

**Não fugir. Estar no Céu. Confessar pecados com arrependimento. Ir visitar. Isto é um acto de Caridade perfeita. Quem assim ama, vive em Deus e Deus vive nele. Torno a dizer: não há homens maus. A perversidade é uma aberração.**

PAI AMÉRICO